



Comparação entre Produtores de Informação em defesa da Amazônia na Internet¹

Débora de Carvalho Pereira Gabrich²
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

O surgimento de padrões ambientais que definem, no início do terceiro milênio, regras de convivência do homem com a natureza é o principal resultado do contato entre redes na internet, sendo uma delas o alternativo Grupo de Trabalho Amazônico, e outras mais sofisticadas, como a transnacional WWF. Este artigo, através de dados colhidos em entrevistas com os produtores de informação dessas redes, atualiza as teorias das notícias elencadas por Traquina (2001), aplicando-as à nova dinâmica de informações do movimento ambiental na internet. São apontadas tendências, inferidas a partir da análise de estratégias midiáticas, que podem influenciar na consolidação de uma série de enunciados, ou o que Keck e Sicking (1998) chamam de '*common frame of meaning*'.

Palavras-chave

Amazônia Transnacional, Redes, Internet, Comunicação Alternativa, Teorias das Notícias.

Introdução: Redes e novas tecnologias, padronização e diversificação cultural

Se desde a revolução industrial os processos de trabalho da sociedade eram representados pela metáfora do mecanismo, ou da máquina, nas pós-revoluções que ocorrem são as redes que expressam melhor o desenho da interação entre conteúdos e proposições diferentes, advindos de um sectarismo cultural e ideológico que potencializa a descentralização do poder deliberativo entre governos, instituições, organizações e atores individuais.

Quando a ênfase do conceito de rede é apenas em termos das figuras, elas podem se constituir, por exemplo, em sistemas organizacionais com elementos dispersos geograficamente, mas interconectados entre si. Essas representações, embora evidenciem interconexão, nem sempre constituem o que podemos chamar de redes *alternativas*. Segundo Costa (2003), há contornos mais precisos que ajudam a delimitar

¹ Trabalho apresentado no II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais. Originalmente, corresponde ao capítulo cinco da Dissertação de Mestrado em Extensão Rural “Amazônia Transnacional: Redes Ambientais na Internet e a Padronização da Natureza”, março de 2007, Universidade Federal de Viçosa – UFV, sob orientação do professor José Norberto Muniz, conselheiro José Benedito Pinho, com alterações.

² Débora de Carvalho Pereira Gabrich formou-se em Comunicação Social pela PUC Minas em 2001. Em 2003 obteve o título de Especialista em Comunicação Contemporânea e Informação Visual pela mesma universidade. Em 2007, obteve o título de Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Desde então é professora da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. debcarpe@gmail.com



este tipo, que são a natureza eminentemente democrática, aberta e emancipatória de um processo organizado dessa maneira.

Nota-se que o conceito de rede flui de acordo com a perspectiva analítica, que pode ser em função da organização (desenho), conteúdo ou fluxo de informação. Capra (2001), por exemplo, define a rede como um sistema, ou um padrão comum a todos os organismos vivos, de forma a dar ênfase na configuração. Este raciocínio advém de uma visão sistêmica do mundo, ou seja, que admite a possibilidade de compreender as situações e as causas atuantes como um conjunto localizável num todo, mostrando sua interconexão. Essa interdependência, segundo o autor, corrobora com a idéia de que a iniciativa de contato externo, ou a própria reflexão interna, produz ações de ir e vir em uma corrente contínua, em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada.

Sob propósitos diferentes, Castells (2000) também emprega o conceito de redes focalizando o aspecto do fluxo das informações. Para este autor, rede expressa um processo simultâneo de trocas de informações, capital e comunicações culturais, que pode ser exemplificado pela economia global. Para Castells (2000), a facilidade de ativar fluxos de comunicação provocada pelas redes é a maior ferramenta para a desigualdade social, propiciando a emergência de uma “entidade capitalista coletiva sem rosto, formada de fluxos financeiros operados por redes eletrônicas” (CASTELLS, 2000, p. 501). Ao invés do alcance de um estágio de equilíbrio social, este autor afirma que a sociedade encontrou, ao mesmo tempo, a libertação das forças naturais (como movimento alternativos de defesa ambiental e de direitos humanos) e a opressão e exploração social, como políticas públicas que incentivam o desmatamento e a agropecuária na Amazônia. Isso revela que as redes possibilitam a representação de funções diversas, gerando paradoxos como esse observado pelo autor:

Estamos entrando em um novo estágio em que a Cultura refere-se à Cultura, tendo suplantado a Natureza a ponto de a Natureza ser renovada (“preservada”) artificialmente como uma forma cultural: de fato, este é o sentido do movimento ambiental, reconstruir a natureza como uma forma cultural ideal (CASTELLS, 2000, p. 505).

A formação de uma cultura ideal padronizada concomitantemente à valorização pela internet de culturas segmentadas e marginalizadas é o que admite Santos (2002), mais esperançoso do que Castells (2000). O autor interpreta a globalização – e seu conceito de redes flui dessa concepção - como consequência da unicidade da técnica e do aumento da troca de informações. Santos vai do julgamento da globalização, como



‘perversa’, a uma visão de que um senso comum mais justo possa despertar, ou seja, a esperança de que ‘um novo mundo é possível’:

A partir dessas metamorfoses, pode-se pensar na produção local de um entendimento progressivo do mundo e do lugar, com a produção indígena de imagens, discursos, filosofias, junto à elaboração de um novo *ethos* e de novas ideologias e novas crenças políticas, amparadas na ressurreição da idéia e da prática da solidariedade (SANTOS, 2002, p. 167-168).

Embora o autor anuncie um senso comum, fruto do entendimento progressivo do planeta, é a conectividade que faz emergir conteúdos distintos, que partem de grupos diferentes dentro do movimento ambiental que, mesmo possuindo interesses diferentes, estão em contato. Nesse sentido, estabelecer conexão entre instituições e seus agentes significa estabelecer vias de comunicação alternativa, nas quais experiências são trocadas. Se considerarmos a rede como uma forma de comunicação, tudo o que é concretizado por meio dela deve ser visto sob a ótica da circulação da informação e dos valores a ela conectados.

Entretanto, há um fator diferencial nesse fluxo, que está associado ao estágio do desenvolvimento pós-industrial. Nos estágios mais recentes, o fator determinante desse fluxo têm sido a internet. Os sites cumprem funções importantes como comunicadores e articuladores de atores sociais diversos, no sentido de produzir, armazenar e distribuir informação. Legítimos bancos de dados, sua atualização pode ser feita em tempo real, onde a obtenção e a inserção de informações são atividades econômicas que também emergiram neste estágio pós-industrial. São as novas formas de trabalho associadas à função de veicular notícias pela internet. E também locais de conversação e troca direta, pessoa a pessoa, entre membros da rede e/ou outros atores sociais. Esse fato é favorecido por meio de fóruns e *chats* (salas de bate-papo).

Há também conteúdos alternativos nas redes. Com mais dinamismo, são experiências em que cada um dos integrantes, conforme critérios e normas definidos coletivamente, pode inserir textos ou material audiovisual. Esse movimento surgiu na reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), de 1999, em Seattle, quando manifestantes protestaram por diversas causas sociais e ambientais, mas não obtinham repercussão pública por serem ignorados³ pela mídia. Surgiu o ‘pós-jornalismo’³, a necessidade de um meio para divulgar os ideais de pessoas que não concordam com a globalização capitalista e neoliberal. Redes de ativismo digital, como o *Independent Mídia Center* –

³ As transformações do jornalismo e do cenário comunicacional em geral têm sido tantas, tendo em vista que os receptores têm agora liberdade potencializada para buscar quais informações desejam, pelo uso da internet, que alguns autores não hesitam em falar de **pós-jornalismo** (ALTHEIDE; SNOW, 1991).



Indymedia, têm o objetivo de cobrir o que a mídia tradicional não pauta normalmente, como protestos e eventos, e têm atendido à sua própria demanda de informação, fazendo com que suas temáticas sejam vistas e assim, posteriormente, a mídia tradicional é forçada a pautar as mesmas. Wolton (1999, p. 85), para contextualizar este tipo de experiência, utiliza o conceito da dicotomia da lógica midiática da oferta e demanda, a primeira exercida pelos meios de comunicação tradicionais, em que a mensagem é oferecida, emitida. E a segunda, a lógica da demanda, é caracterizada pela disponibilização e acesso da informação, através de mecanismo de busca, ação que podemos considerar similar à iniciativa dos atores que respondem aos apelos para filiação e participação em ações de redes ambientais, como o WWF⁴ e *Greenpeace*, por exemplo.

Se um usuário da rede mundial de informação pode escolher em quais ambientes virtuais deseja satisfazer sua demanda de informação, isso faz com que os criadores desses espaços de divulgação criem mensagens de acordo com seu público alvo. Os sites têm programas que analisam o comportamento dos usuários, em quais páginas demoraram mais tempo, por exemplo, quais arquivos mais acessados etc. Esses dados, aliados a valores simbólicos, influenciam os critérios de seleção para construção das mensagens e criam comunidades virtuais em ambientes *desterritorializados*, causando o que Bauman (1999) e Giddens (2002) chamam de ‘desencaixe entre espaço e lugar’. Bauman (1999) admite que o avanço das tecnologias da comunicação na modernidade provoca a desconexão entre territórios físicos e simbólicos e Giddens (2002) concorda que a modernização aumentou a distância entre indivíduos e comunidades tradicionais, expandindo as noções antes estreitas de tempo e espaço.

Essas contextualizações são necessárias para o entendimento da pesquisa realizada, pois a Amazônia, atualmente, é ambiente geográfico e simbólico para a formação interativa das redes trans-institucionais em defesa da floresta. Isso ocorre principalmente na internet, onde é perceptível que os campos das artes, da política e do ativismo ambiental não precisam necessariamente estar vinculados a um grupo de pessoas situado em uma cultura ou região determinada. É o caso dos associados ao WWF, pessoas de várias partes do planeta, de formação cultural diversa, mas que possuem em comum o fato de contribuírem financeiramente para determinados projetos de preservação.

⁴ WWF é a sigla utilizada para denominar *World Wildlife Fund*.



Análise comparativa: os produtores de verdades ambientais

O modo de produção de informação e os elementos envolvidos (o jornalista, o fato, a notícia, as fontes, o contexto social) são fatores observados por diversos estudiosos, para analisar influências sobre tendências de pensamento na sociedade. Dessa forma, nesse capítulo, relembremos algumas teorias das notícias elencadas por Traquina (2001) – ação social, organizacional, estruturalista e etnoconstrucionista – para, no processo de atualizá-las ao meio digital e à temática ambiental da Amazônia, obter esclarecimentos sobre as formas de tradução dos fatos reais para as redes alternativas de informação ambiental.

O que se pretende é identificar quais conceitos predominam, como padrões ambientais, para pessoas que trabalham nas redes GTA⁵ e WWF⁶, mas também em outras instituições analisadas, e entender como essa visão pessoal pode influenciar no trabalho desse profissional e na própria imagem da instituição. Para colher dados para as informações a seguir, foram entrevistadas várias pessoas que têm atividades relacionadas à produção de informação para a causa ambiental amazônica na internet, não só da comunicação social (jornalistas, relações públicas, programadores visuais e de *web*) mas também alternativos, como ativistas de ONGs nacionais e internacionais, engenheiros florestais, professores universitários, antropólogos, cientistas sociais, caboclos e outros. E isso só foi possível após uma intensa leitura das informações produzidas, na internet, sendo que as questões discutidas nas entrevistas emergiram desses conteúdos.

Nota-se uma grande diferença estrutural entre os sites da rede WWF, transnacional, com sede em Brasília (e escritórios em São Paulo, Corumbá, Campo Grande, Rio Branco e Manaus) e o site da rede GTA, nacional, que funciona em um local cedido pelo governo federal dentro do zoológico de Brasília. Não é uma questão somente de receber capital do exterior, pois o GTA também recebe recursos, por exemplo, do Banco Mundial para um programa de fortalecimento institucional em andamento. É uma questão de padronização cognitiva da visão ambiental, que se reflete no modo de publicar informações, de trabalhar, de se relacionar com as culturas locais e de desenvolver estratégias de preservação da natureza.

⁵ Grupo de Trabalho Amazônico, rede cuja formação consiste em 18 coletivos regionais, formados por entidades autônomas, espalhados pelos nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Pará, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão).

⁶ Sigla utilizada para denominar *World Wildlife Fund*, rede de defesa ambiental transnacional, com escritório em mais de setenta países.



O mesmo é percebido entre os produtores de comunicação das duas redes. Por exemplo, no WWF existe uma equipe de pessoas especializadas, jornalistas, editores, técnicos em imagem, fotógrafos. O coordenador de conteúdo *web* é pós-graduado em comunicação social e o projeto agrega conceitos de usabilidade e arquitetura da informação, pois contou com a ajuda de consultores especializados. No escritório do GTA, há apenas uma pessoa que trabalha especificamente com o site, mas como ele mesmo se define, entrou para a instituição em 2002, inicialmente como assessor técnico, cuidou da parte de sociobiodiversidade, é um ‘cientista social inquieto’, fez apicultura, agricultura orgânica e teatro. Mas, o que importa nessa função de alimentar sites, é que entende de HTML, alimentação de páginas PHP e outros recursos técnicos básicos. Além dele, 18 regionais possuem senhas que podem alimentar o site com notícias desde sobre a abertura de editais para novas rádios comunitárias até lançamentos de livros, exposições, debates políticos, manifestos de protestos etc., embora a participação seja pequena.

Esse contraste extremo atualiza uma discussão entre duas antigas teorias das notícias, da década de cinquenta do século passado, a teoria da ação pessoal, ou do *gatekeeper*, e a teoria organizacional (TRAQUINA, 2001, p. 69). A primeira, da ação pessoal, refere-se ao ‘*Mr. Gates*’, aquele que seleciona o que será publicado e age de forma subjetiva e arbitrária, através dos filtros das experiências colaterais que possui e de suas intenções. Já o profissional da teoria organizacional está inserido em uma *cultura* organizacional, que promove o *conformismo* com a política editorial da entidade.

Porém, na época desses estudos norte-americanos, o jornalista – e a própria comunicação social – se limitava ao espaço do jornal, o que não acontece hoje com a internet. No site do GTA existem dezoito pessoas (pertencentes a entidades jurídicas, mas, antes disso, cidadãos com suas preferências pessoais) que podem acrescentar um número ilimitado de notícias, e um editor que coordena o processo monitorado por um Conselho Editorial. No entanto, os portões estão abertos, não existem casos de notícias que geraram controvérsias sobre sua autenticidade a ponto de serem retiradas ou alteradas. O que acontece, às vezes, é o acréscimo de dados ao final. Outro detalhe é que o repórter não busca matéria prima somente na vida real para escrever seus textos, mas, de acordo com os entrevistados, principalmente em outros sites da internet, que podem ser traduzidos, alterados segundo sua escolha. Porém, não são notadas grandes alterações significativas de conteúdo, embora às vezes ocorra supressão do autor original. Mesmo sendo instituídas algumas normas editoriais básicas, no site do GTA



não há uma fiscalização efetiva do conselho, percebe-se que essa regra ainda não foi bem assimilada pelo grupo. Ao mesmo tempo, a participação é determinada pela capacidade intelectual e técnica do indivíduo, até mesmo para fazer algo simples como garimpar dados na internet.

As pessoas que trabalham para alimentar o site do WWF, por sua vez, estão inseridas em um contexto social de regras subjetivas, mas bem assimiladas, como numa empresa executiva transnacional. Há alguns fatores que os entrevistados reconhecem como favoráveis à assimilação dessas regras, como o prazer pelo trabalho e a ausência de grupos de conflito entre os funcionários. A própria visão de ambientalismo individual é afetada pela visão construída pela instituição. Esse prazer é estimulado por promoções, planos de carreira e viagens em expedições. De certa forma, percebe-se entre entrevistados de diversas instituições, principalmente na cidade de Rio Branco, Acre, que ser um funcionário do WWF confere *status* à pessoa, e também às instituições escolhidas para trabalhar entre as entidades locais. Uma vantagem citada mais de uma vez é que os salários dos prestadores de serviços e funcionários do WWF estão sempre em dia, fato raríssimo entre outras instituições locais, nas quais a maioria nem possui remuneração fixa. Um entrevistado afirmou que trabalhar para o WWF-Brasil dá credibilidade ao seu currículo como profissional.

Considerando que as notícias são resultantes de processos de interação social, segundo corrobora Traquina (2001, p. 77) sobre a teoria organizacional, no WWF-Brasil percebe-se que as mensagens são construídas dentro da instituição, ou seja, a linha editorial é subjetivamente eficiente.

Também através das teorias estruturalista e etnoconstrucionista (TRAQUINA, 2001, p. 89), pode-se fazer uma boa leitura do processo de produção da mensagem dos sites analisados. A primeira teoria pertence à escola cultural britânica, tendo à frente Stuart Hall e seus estudos de multiculturalismo, e a segunda liderada por Gaye Tuchman, estudiosa norte-americana que considera que as notícias “são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2001, p. 94). Ambas as teorias são micro e macrosociológicas e localizam o jornalista no seu local de trabalho, mas, ao contrário da teoria organizacional, concordam em que ele está inserido não só em uma instituição à qual presta serviço, mas em um ambiente *transorganizacional*, por onde aprende por osmose e não são apenas observadores passivos.



Esse fato pode ser observado entre as entidades ambientais analisadas. Todos os comunicadores entrevistados se declararam a favor ideologicamente das instituições em que trabalham e, em muitos casos, a militância ambiental na instituição antecede ao trabalho profissional, que foi de certa forma oficializado pela própria militância. Isso procede principalmente em instituições locais, pois os interesses dos voluntários/técnicos coincidem com os interesses da entidade. Da mesma forma, instituições transnacionais, como o WWF-Brasil, seleciona somente pessoas com interesses afins, e no próprio site tem um link 'trabalhe conosco'. Além dessa 'seleção natural', o WWF-Brasil pretende fazer treinamentos com os técnicos para uniformizar ainda mais princípios gerais que formam a visão de ambientalismo da instituição, como informa um entrevistado.

Essa formação ideológica do comunicador, que pode ser induzida (mais o caso das transnacionais) ou voluntária (mais o caso das locais), reflete na construção social da realidade, de acordo com as teorias estruturalista e etnoconstrucionista. Essa construção é feita através de enquadramentos – a pirâmide invertida – e da transformação da realidade em narrativas, que precisam utilizar *símbolos de condensação*. São pacotes interpretativos que contextualizam culturalmente a mensagem, e que denotam a interação cultural.

Um exemplo dessa interação, da tradução de uma realidade local para a rede nacional – publicada no site – é o que faz a Comissão Pastoral da Terra-CPT. Através de 20 oficinas espalhadas em regionais pelo país, eles 'sensibilizaram' agentes comunicadores para serem capazes de observar sua realidade e produzir fotografias e textos sobre a mesma. Essas pessoas, das localidades, enviam imagens para as jornalistas da secretaria nacional, responsáveis pela atualização do site, juntamente com as respostas às perguntas básicas do *lead* (o que, quem, como, onde, quando e porque), de maneira pontual. Caso tenha dúvidas, a jornalista entra em contato por telefone para terminar de redigir a matéria.

Todas essas teorias das notícias citadas até agora, vale ressaltar novamente, foram feitas para analisar o jornalismo (jornalistas, fontes, notícias e contexto da mídia) no século passado, basicamente no veículo impresso. Ao atualizar essa discussão para o momento atual, deve-se levar em consideração que, assim como a distância entre autores e leitores desapareceu, suaviza-se também a diferença entre fontes e comunicadores, como acontece com o exemplo anterior. Os agentes treinados pela CPT, pessoas da localidade, possuem interesse na divulgação da notícia, mas não deixam de ser a principal fonte dos



acontecimentos. Mas, mais que isso, são também co-autores da representação e seu próprio público alvo.

Na mesma lógica de pensamento, há na internet instituições geradoras de notícias, como o site da Rede de Informações do Terceiro Setor – Rits, que são especializadas em emitir mensagens para serem reproduzidas por outras, como agências de notícias. Isso resolve um problema que era apontado pela teoria etnoconstrucionista no século passado, que era a marginalização dos movimentos sociais (e também ambientais) pela mídia.

Sabe-se que os movimentos sociais têm atualmente um importante papel na construção de debates sociais e valorização cultural de segmentos, e ainda procuram suprir a sua própria demanda de emissão de informação. Dessa forma, cumprem um papel similar ao que Althusser chama de ‘aparelhos ideológicos de Estado’ (BULIK, 1990, p. 15), no quadro das instituições, para legitimar a ideologia do Estado que, neste caso dos padrões ambientais na Amazônia, são injetados na cultura local por instituições transnacionais. Para este autor francês, a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com sua condição real de existência, independentemente das variáveis ‘tempo’ e ‘história’. Essa perspectiva trans-histórica é potencializada na internet, pois o fator tempo, por exemplo, considerado pela teoria etnoconstrucionista como um critério de limitação da produção noticiosa, antes orientada a obedecer a hora de fechamento da edição do jornal, é um problema contornável. Hoje, na internet, notícias podem ser adicionadas a qualquer momento, mas paradoxalmente, a tirania do tempo aumentou, pois há uma necessidade de atualização instantânea (também aprendida por osmose, assim como a assimilação dos *fastfoods* e da velocidade dos aviões).

Seguindo a lógica dessa leitura da teoria *althusseriana*, as instituições filtram e modelam a ‘representação’ que as pessoas fazem de sua vida real para, em seguida, “atingir o comportamento considerado ideal que se espera delas” (BULIK, 1990, p. 16). Assim, os ‘relatos online’ de expedições do WWF-Brasil, no site, traduzem informações geográficas e da biodiversidade, contextualizando-as em aventuras na floresta, com direito a perigos, cenas cotidianas de alimentação, devastação de rios por garimpos, fauna e flora, tudo sob o olhar do homem urbano, moderno, que domina a comunicação por satélites, e direcionado para o também urbano usuário da internet.

O jornalista que seleciona as informações brutas para construir a informação final sabe que a mesma passará por uma cadeia de pessoas, superiores hierárquicos, num sistema de controle sutil. Esse conjunto de valores, no caso do WWF-Brasil, procura valorizar,



como estratégia de marketing, o testemunho individual de pessoas-chaves, num claro sentido de ‘humanização’ da notícia.

Na intenção de caracterizar a figura do técnico como ser humano, a cobertura de uma conferência sobre clima traz informações sentimentais e pessoais, como “*o café da manhã de casa começa a dar saudade, sem falar da família*”⁷. Nessa mesma reportagem, a autora confirma outra característica da teoria organizacional, que é um ambiente de cooperação no serviço, com a frase: “*Já são 14 dias longe das risadas infantis que enchem a nossa sala no WWF-Brasil*”⁸.

Essa tendência de traduzir notícias para a linguagem dos testemunhos é bastante difundida na *web*, principalmente através de blogs. Inclusive, para a cobertura dessa conferência sobre clima, o WWF-Brasil criou um blog⁹, para os membros postarem relatos diários, guiados pelas suas impressões pessoais. Segundo um entrevistado sexagenário de uma ONG dos Estados Unidos que recebe auxílio do WWF e viaja sempre em turismo pelo Acre, ele se considera um ‘contador de histórias’, uma ‘eloquent voice for the ancients forests’, e diz que usa essa estratégia para divulgar as comunidades ecológicas que visita, como os relatos que fez do Céu do Mapiá¹⁰, do Vale do Matutu¹¹ e da Fortaleza¹², vilas características por usarem a bebida tradicional ayahuasca, no município de Pauini, Amazonas, e Capixaba-Acre, respectivamente.

No entanto, para esse entrevistado, aposentado, que viaja com um computador portátil, uma câmera digital e domina a linguagem de postagem de informações em blogs (relativamente fácil), com tempo e capital para se dedicar à atividade de testemunhar, essa é uma prática assimilada como um hábito. Sua visão, explícita em seus relatos, é de conformidade com a conservação da natureza de forma global, procurando de alguma

⁷ Notícia “Ministra comparece ao Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas”, disponível em: <<http://www.wwf.org.br/index.cfm?uNewsID=4980>>. Acesso em: 17 nov. 2006.

⁸ Idem.

⁹ Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/clima/mudancas_climaticas_resultados/conferencia_sobre_clima/blog_da_cop/index.cfm?uNewsID=5061>. Acesso em: 25 nov. 2006.

¹⁰ Em 2003, o WWF-Brasil realizou um Programa de Desenvolvimento Comunitário no Céu do Mapiá, terceirizado para a ONG nacional Núcleo Maturi, que tem sede em São Paulo, mas faz consultorias no Acre e Amazonas. Segundo um entrevistado morador do local, durante a presença das técnicas que fizeram o PDC na comunidade, todos se reuniram e debateram como era a vila dos seus sonhos, sendo divididos grupos de trabalho para a realização de algumas tarefas. Para participarem desses encontros, as pessoas recebiam diárias do WWF-Brasil. Mas, depois que o relatório foi escrito, com várias propostas, as pessoas deveriam continuar a se encontrar para levar adiante as questões dos grupos, o que não foi feito mais com tanta frequência, pois não havia mais o pagamento das diárias, e as pessoas precisavam trabalhar para ganhar o seu sustento.

¹¹ Disponível em <http://imageevent.com/visionshare/madrinharita;jsessionid=8x1bxez742.buffalo_s>. Acesso em: 21 ago. 2006.

¹² Disponível em <http://imageevent.com/visionshare/madrinharita;jsessionid=8x1bxez743.buffalo_s>. Acesso em: 21 ago. 2006.



forma ajudar o homem, independentemente da cultura, por isso sua ONG possui projetos desde na serra da Mantiqueira como na Amazônia e nas florestas do Canadá.

O GTA, que é composto por pessoas do cotidiano das redes comunitárias da Amazônia, como instituição, teria todo potencial para ‘testemunhar’ com legitimidade sobre a temática da situação das populações tradicionais da região. No entanto, paradoxalmente, a maioria das notícias publicadas no site são reproduções de outras fontes e informações de oportunidades em geral. Outro detalhe é que, de acordo com alguns entrevistados, há sempre divergências entre representantes de instituições filiadas nas assembleias gerais sobre como preservar a natureza na região amazônica e ao mesmo tempo promover a sustentabilidade das populações tradicionais, mesmo com pontos de vista gerais em comum e ações de apoio entre as entidades, quando algumas passam por dificuldades estruturais e financeiras. Percebe-se que a seção de notícias do site tem mais a função de um grande *clipping* sobre a região do que produzir conteúdos inéditos. E, como reconhece o editor, desde que o site foi criado, em 2003, ele fez 80% das modificações, pois o modelo interativo ainda não foi assimilado e, mesmo com as regionais todas conectadas à internet no ano de 2006, os representantes dos coletivos ainda não adquiriram o hábito de postarem notícias. Muitas vezes, o que ocorre é que enviam informações para esse editor, em Brasília, que faz as adaptações necessárias, segundo seus critérios, e publica. Mas sem informações inéditas e originais que poderiam resultar em belas e comoventes ‘estórias’ baseadas em fatos reais das comunidades tradicionais.

Mas, de acordo com alguns entrevistados, se o número de participantes pode ser considerado pequeno em relação ao grande número de entidades filiadas, ele é grande, pois ultrapassa em muito a própria capacidade de organização do banco de dados de notícias do site. No entanto, várias sugestões são discutidas e, inclusive, o grande texto do editorial, publicado em 2005, foi construído coletivamente na última assembleia geral (de 2005, que reuniu 350 entidades em Brasília) e é considerado por alguns ‘a alma’ da rede, que dá seus rumos por três anos e destaca a frase emblemática da questão da preservação ambiental como tragédia na região: “*Nenhuma liderança social da Amazônia quer virar herói embaixo da terra*”. Em 2006, este texto ‘alma’ teve seu tamanho reduzido a dois parágrafos (por sugestão de diretores). ‘Críticas nunca faltam’, esclarece o editor do escritório de Brasília.

Isso comprova que existe uma diferença entre a produção de informação do WWF-Brasil, transnacional, e o GTA, nacional, pois o primeiro publica notícias impecáveis, com o registro e a sistematização das experiências (para prestar contas às instituições



financiadoras, embora de maneira sutil) e voltadas para o público urbano. Já no site do GTA, similar ao que ocorre nos movimentos sociais, há um trabalho de assimilação de informação mais contínuo e aberto entre os participantes, de educação mútua, uma história oral construída em ações reais cotidianas de auto-conhecimento sobre opositores, situação política e cidadania, ou seja, há uma conscientização humana e laços mais fortes de integração cultural. Esse processo, sim, pode ser considerado comunicação alternativa.

Para as organizações transnacionais com muito recurso, o site é uma imagem sob controle, simulada e prevista, com vistas ao perfil do contribuinte. Para as articulações domésticas como o GTA, que se articula com outras transnacionais, muito em razão da inconstância das fontes de recursos, o site é um meio de comunicação e não, primeiramente, uma estratégia de agrado aos financiadores. Por isso, percebe-se que as trocas institucionais da informação regem-se por valores distintos, entre os dois exemplos já citados, do WWF e do GTA.

Essa diferença é perceptível também na representação de entidades como parceiras, através de links externos para sites de outras entidades. No site do GTA, há três estratégias de comunicação que cumprem o papel de elos com outros sites, as seções ‘parceiros’, *links* e ‘pesquisas’. Nas três versões de sites do WWF-Brasil analisadas, desde 2004, percebe-se o seguinte: na primeira e segunda, existia uma lista de *links* externos de entidades relacionadas com a temática ambiental. Na versão atual, essa lista foi suprimida, o que demonstra uma intenção de não remeter o usuário a outros sites. Segundo um entrevistado, essa alteração se deve ao fato de muitos endereços na internet se desatualizarem com frequência, portanto, eles preferem utilizar a estratégia de fazer referência a outras entidades em notícias nas quais elas tenham alguma atuação. No entanto, mesmo nesses casos, em que outras entidades são citadas, não é construída a ligação técnica entre os sites (o link), como se vê na página¹³ do Consórcio *Amazoniar* no site do WWF-Brasil. A notícia sobre o referido consórcio informa que o mesmo busca criar um sistema integrado de gestão ambiental e uso sustentável dos recursos naturais no Sudoeste da Amazônia e é formado pelas entidades: SOS Amazônia, Kanindé Associação de Defesa Etno-Ambiental, Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) e FSC Brasil – com o apoio da USAID, liderado pelo WWF-Brasil.

¹³ Disponível em <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/amazonia/amazonia_acoes/consorcio_amazoniar/index.cfm>. Acesso em: 20 nov. 2006.

No entanto, nenhuma dessas entidades é *linkada* na página, ou seja, se o usuário quiser, terá que copiar um desses nomes de instituições e colar em algum mecanismo de busca da internet, ato realizado somente se houve uma grande intenção de procura. Essa disposição para a busca, segundo Manovich (2001, p. 265), é o que torna o espaço navegável uma construção popular, ou seja, as trajetórias escolhidas pelo usuário dão sentido às narrativas. O autor compara o usuário da internet a dois fenótipos históricos: o *flâneur* segundo Charles Baudelaire e o *dândi*, de Oscar Wilde. Como observadores anônimos, navegam através do espaço virtual, que se torna um espelho da sua subjetividade. Sua arquitetura responde pelo movimento e emoção do sujeito. O site do GTA é um perfeito ponto fluido de partida para este tipo de usuário, descompromissado, enquanto o site do WWF-Brasil pode representar para ele um ponto final, pois não oferece elos para outros ambientes virtuais.

Assim, a localização de uma informação na internet pode ser considerada um prêmio para o explorador, garimpeiro, em meio a uma estrutura complexa dos bancos de dados que, na pós-modernidade, corresponde à lógica das narrativas na modernidade. Ao invés de histórias, início e fim, seqüências, os objetos da nova mídia são coleções de itens individuais e independentes. Com as transformações estruturais do mundo pós-moderno, a realidade se apresenta como uma infinita e desestruturada coleção de textos, imagens e outros dados, o que pode ser comprovado pelas inúmeras representações sobre a Amazônia na rede de sites identificada. A narrativa se torna apenas um método, entre outros, de acessar os dados, e permite a coexistência de diferentes visões do mundo.

Outra questão pesquisada de maneira transversal às duas redes é a noção de que tipo de informação o produtor considera que pode convencer o usuário da internet a se interessar por questões ambientais. Para os entrevistados do WWF, é perceptível no momento uma valorização de estratégias que priorizem a preservação da natureza em harmonia com as populações tradicionais, fator para alguns potencializado pelo próprio movimento de globalização (que provoca a emergência da representatividade de comunidades na internet, mesmo que de maneira desorganizada, e faz surgir padrões globais de direitos humanos). Um dos entrevistados lembrou que isso já ocorre no WWF desde a sua fundação no Brasil, em 1997, quando ‘empoderou’ instituições locais, como a ONG Tamar e a SOS Mata Atlântica, porém este auxílio foi para preservação da fauna, e não de populações tradicionais. Já os entrevistados do GTA e de outras instituições ambientais da Amazônia concordam que a etnoconservação está na



moda, mas consideram que este discurso não capta recursos no exterior. Muitos consideraram um problema para a aprovação de projetos com recursos internacionais a valorização de culturas e líderes das comunidades tradicionais, pois muitas vezes as pessoas do local não se interessam o suficiente pela causa de preservação ambiental, não se formam lideranças espontaneamente, e esse processo do surgimento de personalidades locais com capacidade e vontade para ações de preservação, na maioria das vezes, é conseguido após um longo trabalho de conscientização local por agentes externos.

Percebe-se claramente uma variável transnacional, a ‘conservação da natureza’, sendo inserida no contexto local. E uma variável local, a ‘valorização das comunidades locais’, sendo inserida no contexto transnacional.

A retórica para convencer populações locais da conservação da natureza faz parte do trabalho não só dos técnicos, mas também da equipe de comunicação do WWF-Brasil. Segundo um entrevistado, existe um banco de dados de entidades comunitárias (associações, cooperativas etc.) da região amazônica, utilizado de maneira personalizada, de acordo com a demanda. Por exemplo, a campanha contra a pesca ilegal no Acre. São enviados para todas as entidades do Acre, envolvidas de alguma forma com o assunto, não só boletins informativos¹⁴ sobre a campanha, mas camisetas da campanha, bonés etc., o que faz parte das estratégias de implantação de um projeto regional. Ao contrário das informações divulgadas no site, voltadas para o cidadão urbano, essas mensagens são bastante personalizadas e, quando lidas, facilitam o processo de trans-nacionalização de padrões ambientais de relacionamento com a natureza.

Isso corrobora o que Keck e Sikkink (1998) chamam de ‘*common frame of meaning*’, a emergência de valores éticos e morais comuns, em nível internacional, para lidar com os atritos que podem surgir da diversidade cultural, por exemplo, no caso da campanha da pesca, a necessidade econômica dos ribeirinhos nas épocas em que a pesca não deve ser realizada. O WWF-Brasil, portanto, se utiliza dessas organizações internas para mediar ações, tentando sobrepor acordos de negociação entre valores internacionais e locais.

O GTA promove um processo semelhante no Programa de Agroextrativismo. Ao ajudar a selecionar 170 instituições para receberem financiamento do governo, estipula que as entidades escolhidas estejam de acordo com normas de desenvolvimento sustentável, o

¹⁴ Uma prática comum que presenciei, em comunidades que visitei nos arredores de Xapuri-Acre, foi o uso desse material para acender fogões de lenha, pelos caboclos.



que podemos chamar também de padrões ambientais. O mecanismo de acesso a recurso, portanto, torna-se também um mecanismo de controle ideológico. Nesse caso, segundo um entrevistado, as instituições que não se adequam ao perfil do projeto são encaminhadas para outros tipos de ação.

Então, embora com particularidades na maneira de comunicar e produzir informação, as duas redes funcionam de maneira similar, no que diz respeito à formação de uma ideologia para o relacionamento do homem com a natureza, resultante de negociações simbólicas entre a necessidade de preservar (prioridade global) e a necessidade de desenvolvimento das populações locais, porém, somente o GTA pode ser considerado ‘alternativo’, enquanto o WWF pratica uma comunicação de planejamento empresarial.

Referências bibliográficas

- ALTHEIDE, D.L.; SNOW, R.P. **Media worlds in the postjournalism era**. New York: Aldine de Gruyter, 1991.
- BAUMAN, Z. **Globalização, as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BULIK, L. **Doutrinas da informação: no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1990.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COSTA, L. **Redes, uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização**. WWF-Brasil, 2003.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- KECK, M.E.; SIKKINK, K. **Activists beyond borders: advocacy networks in international politics**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- MANOVICH, L. **The language of the new media**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001.
- ROSA, J.G. **Tutaméia**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- WOLTON, D. **Internet et après: une theorie critique des nouveaux médias**. Paris: Flammarion, 1999.